

A Terra dos Primatas com QI 83: Analisando o viralatismo em postagens da *Alt-Right* brasileira no Twitter-X pela lente da ACD

The Land of the Primates with IQ of 83: Analyzing the Mongrelism ideology in Brazilian Alt-Right posts on Twitter-X through the lenses of CDA

Diego Candido Abreu
UERJ-FFP - PPLIN, Brasil.

Diego Candido Abreu

Professor Adjunto do Departamento de Letras da UERJ-FFP e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN). Membro do Grupo de Pesquisa LET – Linguagem, Ensino e Trabalho. E-mail: diegocurciodeabreu@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0591-6918>

Submetido em: 13/05/2025
Aceito em: 07/01/2026
Publicado: 31/03/2026

e-Location: 19655



ISSN: 2317-9945 (On-line)
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

Resumo

O objetivo deste artigo é gerar inteligibilidades sobre a inscrição do viralatismo no discurso da Direita Alternativa no Twitter-X. Com tal objetivo no horizonte, recorre-se a um arcabouço teórico composto por três pilares: 1) uma reflexão sobre a ideologia do viralatismo (Rodrigues, 2013; Schommer, 2009); 2) uma discussão sobre a constituição histórica e ideológica do movimento da *Alt-Right*; e 3) uma revisão da visão de discurso consignada na Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2003). Orientada por essa bússola teórica, a geração dos dados a serem submetidos a escrutínio obedeceu a quatro critérios primaciais: a presença de ideias assentadas na ideologia do viralatismo, a afiliação discursiva da postagem aos preceitos e balizas da Direita Alternativa, o nível de dialogicidade e a adequação do *tweet* aos constrangimentos práticos da pesquisa. Dois *tweets* foram selecionados e examinados com apoio do ferramental analítico da pesquisa. As análises explicitaram a mistura de teorias e narrativas oriundas do repertório da Direita Alternativa Global com teses vinculadas ao viralatismo, sendo tal caldeamento resultante de um esforço de construção de uma narrativa de proselitismo político assentada na radicalização ideológica, na promoção de ódio ao Brasil e na desumanização dos brasileiros.

Palavras-chave: viralatismo; *alt-right*; ideologia, Análise Crítica do Discurso, Sistema de Avaliatividade.

Abstract

This paper's objective is to generate understandings about the inscription of the mongrelism ideology in the Alt-Right's discourse on Twitter-X. Bearing this goal in mind, this research resorts to a theoretical

framework based on three pillars: 1) a reflection about the ideology of mongrelism (Rodrigues, 2013; Tiburi, 2021; Schommer, 2012); 2) a brief discussion about the historical and ideological pathway of the Alternative Right's movement; 3) a review of the discourse conception espoused by Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2003). Guided by this theoretical beacon, the process of data generation followed four key criteria: the presence of ideas based on the mongrelism, the adherence of the analyzed tweet to the Alternative Right's agenda, the degree of dialogicality and the post's adequateness to the research constraints. Two tweets were selected and examined with the aid of the research's analytical toolkit. The analyses highlight the mix of theories and narratives that belong to the Global Alternative Right's repertoire with theses based on the mongrelism. This blend of ideas is the result of the discourse construction of a narrative of ideological radicalization, promotion of hatred towards Brazil and dehumanization of Brazilians.

Keywords: *mongrelism; alt-right; ideology; Critical Discourse Analysis; Appraisal System.*

INTRODUÇÃO

Ponham um inglês na Lua. E na árida paisagem lunar, ele continuará mais inglês do que nunca. Sua primeira providência será anexar a própria Lua ao Império Britânico. Mas o subdesenvolvido faz um imperialismo às avessas. Vai ao estrangeiro e, em vez de conquistá-lo, ele se entrega e se declara colônia (Rodrigues, 2013, p. 18).

A citação que abre este escrito plasma em texto uma representação metafórica de um dos fenômenos mais estudados na literatura nacional: o pendor do brasileiro pela autodepreciação. Atavismo histórico (Schommer, 2009), memória colonial (Tiburi, 2021) ou narcisismo às avessas (Rodrigues, 2013): muitas são as tentativas de explicação direcionadas a tal traço distintivo do nosso imaginário doméstico. Contudo, por muito que se fale sobre o tema, pouco se tem conseguido fazer para obstar a difusão de ideias que propalam a inferioridade do Brasil em relação a outras nações e do patricio em relação a outros povos. Como registrado por Schommer (2009), parte significativa das teses políticas e petições ideológicas, contemporaneamente invocadas, tomam como eixo de sustentação a suposta autoevidência do rebaixamento do nosso país.

Sendo a tendência à autodepreciação um fantasma que assombra o acervo nacional de ideias, não é de se espantar que novos modelos de inteligibilidade,

importados com pouca filtragem do exterior, se banhem nessa narrativa preguiçosa, que reduz a complexidade do mundo à inferioridade de um povo (Rodrigues, 2013). Nesse cenário, parece coerente que a aterrissagem barulhenta da Direita Alternativa (que se organiza especialmente nos países do Atlântico-Norte desde o crepúsculo dos anos 2000) no ecossistema político nacional tenha como uma de suas cartas de apresentação justamente a reivindicação dessa matriz ideológica renitente nos foros de discussão nacionais. Postura previsível, mas não menos insólita. Afinal, enquanto a *Alt-Right* da Europa e dos EUA funda seu discurso no supremacismo de suas respectivas nacionalidades (Nagle, 2017) em relação a um Outro desumanizado e estereotipado (Gay, 1993), a sucursal brasileira vira essa dicotomia de cabeça para baixo e transforma seu próprio povo em inimigo, alienando-se da própria coletividade que anseia conquistar.

É uma estratégia política arriscada, mas que tem, na difusão do complexo de vira-lata, um importante trunfo, especialmente nos circuitos de interação sediados nas redes sociais, em que a radicalização política serve de rastro de pólvora para a disseminação das ideias da extrema-direita hodierna (Prado, 2021). Entre as plataformas que concentram adeptos dessa seita ideológica, a rede X (antigo Twitter) se destaca. Sob a camuflagem da defesa de um suposto direito à liberdade de expressão absoluta, o atual testa de ferro por trás da empresa, o bilionário sul-africano Elon Musk, tem buscado congregar em sua rede social as diferentes células que constituem a constelação da Direita Alternativa, de modo a configurar o Twitter-X como um canal de reverberação desse proselitismo político extremista e subversivo.

O quadro contextual pintado nos parágrafos anteriores serve de pano de fundo para a pesquisa aqui registrada. Esta tem como objetivo precípuo gerar inteligibilidade sobre a apropriação do viralatismo pela *Alt-Right* brasileira em perfis do Twitter-X. Para alcançar esse fito, reivindica-se um cabedal teórico assentado na Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2003), nas reflexões sobre o viralatismo (Rodrigues, 2013; Tiburi, 2021) e no mapeamento das principais estratégias discursivas da Direita Alternativa em sua militância virtual.

VIRALATISMO: A FEIÇÃO IDEOLÓGICA DO VIRA-LATA RODRIGUEANO

O complexo de vira-lata, categoria confeccionada por Nelson Rodrigues em suas crônicas futebolísticas ao longo das décadas de 1950-1970, consagrou-se como uma das metáforas mais produtivas do panorama intelectual brasileiro. Indignado com a postura de rebaixamento de seus colegas em relação à seleção brasileira de futebol, o escritor pernambucano investiu na criação de imagens textuais capazes de denunciar o comportamento de seus colegas, não como um ato isolado, mas como um fenômeno antropológico, social e ideológico de lastro na cultura nacional: a autodepreciação e a subalternidade perante o estrangeiro. Eis o berço do Narciso às avessas, encarnação do complexo de vira-lata: “que espécie de prazer, que miserável volúpia, que satisfação demoníaca e suicida leva o brasileiro a cuspir na própria imagem como um Narciso às avessas? Por quê, meu Deus, por quê?” (Rodrigues, 2013, p. 142).

Seguindo o rastro teórico inaugurado pela intuição arguta de Nelson Rodrigues, uma série de autores interessados na vida brasileira se dedicou a tentar entender a constituição do complexo de vira-lata. Tiburi (2021), partindo de uma perspectiva heterogênea que alinhava psicanálise, sociologia e ciência política, percebe na inferiorização nacional um sentimento de bastardia. Identificado a partir de não identidades, o brasileiro não é europeu, africano ou ameríndio, sendo a sua estadia no território do país marcada pela violência histórica e pela humilhação do exílio compulsório. Schommer (2009), por sua vez, adota um olhar mais panorâmico, recorrendo ao estudo de eventos importantes na história brasileira com o intuito de neles flagrar antecedentes do rebaixamento que o nosso povo evoca sobre si. A colonização portuguesa, presença ameríndia e africana, pobreza, vinda de imigrantes italianos e alemães e guerras de expulsão de invasores estrangeiros: o intelectual percorre as tramas de narrativa que contam versões viciadas desses episódios da biografia nacional no afã de encontrar em tais difamações a raiz do nosso masoquismo vira-lata.

O presente estudo ombreia essa tradição de pesquisas, mas busca adotar uma perspectiva distinta, compreendendo o complexo de vira-lata rodrigueano como uma ideologia, ou seja, como um sistema de símbolos e discursos compositores de uma

visão de mundo que opera como um conjunto de pressupostos implícitos (ou, pelo menos, discretos) que subsidiam e legitimam certos interesses de poder (Fairclough, 2003). A concepção esposada por Fairclough (2003) evoca e repercute a visão seminal de Thompson (1995, p. 6), que entende a ideologia como o “sentido a serviço do poder”. Reverberando os objetivos e a proposta central desta pesquisa, nos apropriamos do complexo de vira-lata rodrigueano de maneira alusiva e construtiva por meio da noção de viralatismo, vislumbrando-o não como uma metáfora provocativa, mas como uma ideologia – sendo tal natureza representada pela adição do sufixo “-ismo”.

A caracterização proposta por Nelson Rodrigues do complexo de vira-lata como “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo” (Rodrigues, p. 89) institui os dois marcos centrais da ideologia do viralatismo: a autodepreciação nacional e a subalternidade perante outros povos. Como uma matriz sistêmica de premissas que fundamentam conclusões alinhadas a interesses de poder, a ideologia do viralatismo toma como brocardos incontestáveis a degeneração absoluta do Brasil e a nossa prostração diante do resto do mundo com o objetivo de difundir teses e narrativas que endossem (como uma profecia autorrealizada) essa posição de submissão e degradação.

ENTRE BURACOS DE COELHO E APITOS DE CACHORRO: ASCENSÃO E EXPANSÃO DA *ALT-RIGHT*

Nascido das reuniões obscuras do clube H. L. Mencken e popularizado no início dos anos 2010 pelo supremacista branco Richard Spencer, criador do sítio virtual *Altright.com*®, o termo *Alt-Right* viraria manchete na grande mídia pela primeira vez nas eleições de 2016 nos EUA, quando a candidata do Partido Democrata Hillary Clinton o empregou para qualificar parte dos eleitores de seu adversário, Donald Trump. Há uma relação tensa de unidade e diversidade no bojo desse movimento. Ao mesmo tempo em que se afirma a convergência em torno de pautas comuns (a mudança do eixo político para a guerra cultural, a insurgência contra a modernidade e a luta contra os perigos terríveis da agenda *woke*), inúmeras tribos, clãs e microbolhas se acotovelam nas esquinas das redes sociais na disputa pelo monopólio

narrativo da Direita Alternativa (Nagle, 2017). O resultado é a ascensão de uma miríade caótica de agremiações oficiosas fanatizadas que erigem como inimigos determinados grupos sociais, franjas identitárias ou instituições, que são transformados em esponja de todo o ódio fermentado nos foros de interação dessa seita política. Enquanto *Incel*s (celibatários involuntários que culpam a degeneração feminina por sua virgindade) e *PUAs* (*Pick-up artists* – homens que se jactam de seu suposto poder da sedução) identificam na ascensão da mulher na sociedade moderna a semente da decadência, supremacistas brancos, neopagãos e milícias anti-imigração resgatam baremas de hierarquia racial de gavetas empoeiradas dos arquivos do racismo científico do século XIX – tudo isso ao mesmo tempo em que libertários e paleoconservadores se perdem em fantasias sobre as delícias de um mundo sem Estado (Nagle, 2017; Prado, 2021).

A despeito da heterogeneidade predominante no interior da Direita Alternativa, há um núcleo de agendas e pensadores comumente reivindicados. A estratégia da guerra cultural deposita nos pensadores da Nova Direita Francesa, como Alain de Benoist (1979), o seu quinhão de fé. Há também uma literatura volumosa dedicada à defesa de diferentes modelos de hierarquização humana; desde os mais abertamente racistas (Evola, 1953) até os que mesclam esoterismos diversos à existência de supostas elites espirituais cuja decadência teria implicado no rebaixamento do mundo (Guénon, 2013). O alvo precípua desse coquetel literário heterodoxo são os, assim chamados, desdobramentos dos vícios da Modernidade, produzidos pela destruição das formas tradicionais de organização social (Prado, 2021). Pautas hiperbólicas, fantasiosas e conspiratórias como o declínio do QI, o fim da civilização ocidental, a substituição populacional de brancos por não brancos, a islamização da Europa e a destruição das nacionalidades europeias por meio da miscigenação são alguns dos monstros que habitam o imaginário da *Alt-Right* (Nagle, 2017).

Esse jogo contraditório de convergências e atritos em torno do portfólio de extravagâncias ideológicas defendidas pela Direita Alternativa é manejado por uma série de recursos discursivos que, operando de maneira massiva nos foros de diálogo pertinentes a essas franjas sectárias, mobilizam ressentimentos com o intuito de fanatizar a militância que consome esse conteúdo. Gay (1993) inventaria a usina de

produção de ódio da *Alt-Right* e destaca três mecanismos discursivos recorrentes: a primazia da concorrência (redução da vida em sociedade a relações de competição); a criação de um Outro conveniente (que identifica um determinado grupo, tido como superior, em contraste com outro, inferiorizado); e a adoração da virilidade masculina como eufemismo para a defesa da violência.

Outro expediente frequentemente invocado pelo discurso da Direita Alternativa é o raciocínio mítico e o culto aos mitos. Como define Rosenberg (2016), um dos filósofos mais influentes do nazismo, o mito é o elo de identidade absoluta que unifica o indivíduo ao povo. O contato com o mítico abriria ao sujeito as portas ocultas de sua alma coletiva, compartilhada por todos os membros de uma dada coletividade racial, sendo o fascínio perante um mito do folclore de um dado povo a prova da vinculação profunda do sujeito com esse simbolismo que atravessa as gerações. Assim, o mesmo pendor darwinista (Nagle, 2017), presente na tentativa de ver o mundo pelo prisma da seleção natural, encontra ressonância no biologismo mítico, em que genética e crendices se entrelaçam num arranjo ideológico recorrente nos circuitos de propagação de ideias neonazistas (Dias, 2018).

Além das chaves ideológicas recrutadas para subsidiar o seu arsenal simbólico, a Direita Alternativa também se vale de uma série de recursos retórico-discursivos de produção de sentido próprios das/nas redes sociais. Dentre estes, merece nota a tática da defesa explícita de posicionamentos radicais no afã de ampliação do horizonte de tolerância em relação a pautas tidas como imorais, absurdas ou descabidas, conhecido como janela de Overton (Tuters, 2020). O cientista político Overton e seus colegas desenvolveram um modelo de análise que busca compreender a trajetória de inserção de pautas consideradas tabu no debate público. O primeiro passo nesse percurso é a apresentação de tais anátemas, de modo a acostumar o imaginário geral à existência dessa ideia rejeitada. Implementando de maneira pragmática os conhecimentos inscritos na Janela de Overton, os partidários da *Alt-Right* empregam uma série de expedientes para contaminar o repertório ideológico global com proposições extremistas. Em meio a aportes como fake News, trolagens, memes e tantos outros instrumentos de disseminação de narrativas controversas, merece atenção o concurso das *shitstorms* (tempestade de excrementos, numa tradução conservadora) no

discurso desse movimento. Caracterizados como uma erupção de comentários violentos direcionados a um alvo, esses episódios catárticos são usados tanto para intimidar eventuais antagonistas quanto para familiarizar o público a um vocabulário violento, repleto de ódio e passionalidade.

Enquanto o alargamento da Janela de Overton cumpre a função de ampliar o alcance das teses da *Alt-Right*, outras manobras tendem a ser empreendidas para aprofundar a fanatização daqueles já alcançados pela sua pregação ideológica. A criação de câmaras de eco, os chamados buracos de coelho (*rabbitholes*), cumpre a função importante de retroalimentar os iniciados na seita da Direita Alternativa com uma gavagem constante de confirmação das teses centrais defendidas pelo séquito. Prado (2021) caracteriza os buracos de coelho, inspirados no *Romance Alice no País das Maravilhas* (1865), como espaços virtuais de repercussão recorrente de narrativas e símbolos com o intuito de consolidar determinadas interpretações de mundo e, ao mesmo tempo, impedir o florescimento de tantas outras, promovendo um sentimento de falso consenso em torno de concepções radicais. Outro recurso comumente empregado pelos partidários do movimento em lente são os apitos de cachorro (*dogwhistles*). Tal qual os ouvidos caninos, os iniciados nas teorias da Direita Alternativa são capazes de capturar sentidos inacessíveis a quem não faz parte dessa rede de militância virtual. Assim, torna-se possível inscrever de maneira discreta ideias controversas e extremistas em discursos aparentemente moderados, valendo-se de termos e expressões polissêmicas que apresentam uma linha interpretativa exotérica e outra, esotérica.

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: A INTERFACE ENTRE LÍNGUA E PODER

A Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), que tem em Fairclough sua mais proeminente liderança intelectual, toma como esteio teórico a concepção sociosemiótica de linguagem, preconizada pela Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), que vê cada uma das línguas como sistemas de significados que organizam meios linguísticos para mediar a ação social. Diferente de seu ancoradouro

teórico, Fairclough (2003) direciona sua atenção para a forma como o condão da língua de gerar sentidos é mobilizado com o fito de promover, consolidar, naturalizar e, eventualmente, contestar relações de poder.

Na contramão de modelos teóricos fatalistas, a ACD esposa a possibilidade de os grupos oprimidos da sociedade se insurgirem tanto no âmbito macro quanto nas dobraduras infinitesimais da prática discursiva contra as redes de significados que buscam legitimar a dinâmica de submissão que os enleia. Portanto, o mandato central do projeto faircloughiano é a explicitação dos comprometimentos ideológicos e das teias de discurso que endossam certas aspirações de poder, permitindo a ascensão de mobilizações discursivas que os enfrentem em busca do fortalecimento de expedientes emancipatórios.

A compreensão de (D)discurso de Fairclough (2003) tem como fundamento uma relação de dualidade, que ganha forma até mesmo na própria grafia da palavra. Escrito com a primeira letra maiúscula, Discurso diz respeito a uma forma específica de representar a realidade: seus participantes, processos e circunstâncias (Fairclough, 2003). Produzir um determinado Discurso significa gerar sentidos sobre o mundo em integração a uma prática social, estabelecendo, assim, uma interface entre as bases macroestruturais da sociedade e o plano microssituado das vicissitudes de cada interação e encontro pontual (Fairclough, 2003). Por outro lado, o discurso, com “d” minúsculo, evidencia um entendimento particular da linguagem, que dá primazia ao papel desempenhado por esse sistema de significados na viabilização da ação humana no mundo e na mediação de relações de dominação e resistência. Contudo, o discurso não é um sistema genérico e aéreo, mas o que sempre floresce no seio de uma determinada prática discursiva, isto é, uma prática social (que medeia o macrosocial ao idiossincrático) vista à luz da função exercida pela linguagem em sua produção. Há, portanto, uma inter-relação dialética de retroalimentação entre Discurso e discurso, em que diferentes representações em Discurso são integradas a uma mesma prática discursiva, formando-a.

Em linha com o modelo das metafunções preconizado pela Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), Fairclough (2003) advoga a emergência de três tipos de significado que constituem e organizam a ação humana por meio do discurso

e que se materializam em fenômenos linguísticos específicos. Estes são o significado como meio de agir (gêneros), meio de representar (Discursos) e meio de identificar (estilos). À luz da matriz teórica faircloughiana, o discurso opera os significados que ofertam meios de agir, representar e identificar, de modo a integrar o interagente em diferentes práticas discursivas que, por sua vez, compõem diversas redes de prática – chamadas pelo autor de “Ordens do discurso” (Fairclough, 2003).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho descende de um projeto de pesquisa anterior, que tomava como esfinge precípua a presença do viralatismo em perfis jornalísticos no Instagram®. O estudo em tela, todavia, se distancia sobremaneira de seu berço, tanto por tomar como terreno de análise outra rede social, o Twitter-X, quanto por segmentar politicamente seu escopo, destacando as materializações da autodepreciação brasileira produzidas por simpatizantes da *Alt-Right*.

A escolha pela geração dos dados no Twitter-X foi motivada pelas recentes reformulações nas políticas de hospedagem de conteúdo sofridas pela rede social após a sua aquisição pelo bilionário sul-africano Elon Musk. Tendo como justificativa uma suposta defesa intransigente da liberdade de expressão, a plataforma passou a garantir a publicidade de postagens repletas de violência, ódio e radicalismo ideológico, em alguns casos, em flagrantes desrespeito ao ordenamento jurídico brasileiro. A condescendência demonstrada em relação ao discurso virulento incentivou grupos vinculados à *Alt-Right* no Brasil a migrarem em massa para o Twitter-X, transformando a plataforma em um novo ponto de encontro virtual do movimento.

Após a delimitação do objetivo e do ambiente de formação do *corpus* do estudo, impunha-se a fase de seleção das peças discursivas a serem analisadas. Foram empregados quatro critérios nessa etapa: 1) a inscrição no segmento de ideias que projetem discursivamente a ideologia do viralatismo; 2) o alinhamento patente da postagem aos preceitos da *Alt-Right*; 3) o nível de engajamento gerado pela postagem (*tweets* geradores de maior interação foram preferidos); e 4) a acomodação do texto às limitações práticas da pesquisa. Para impor os critérios supramencionados ao

volume amazônico de dados hospedados no Twitter-X, utilizou-se o buscador orgânico da plataforma mediante a inserção da palavra-chave *bostil* e a avaliação preliminar dos resultados compilados na aba *em destaque*, que apresenta as postagens que contêm o item lexical escolhido por ordem de temporalidade (postagens mais recentes são realçadas) e nível de engajamento. O termo de busca em lente, um neologismo de violento pendor depreciativo, foi selecionado por dois motivos principais: 1) sua identificação do país com algo repulsivo e repugnante (excrementos); e 2) o condão do termo de fomentar o sentimento de pertencimento grupal em setores majoritários da *Alt-Right* nacional, que empregam o termo com o intuito de retratar o Brasil de forma insultuosa.

A primeira etapa de seleção das postagens teve como resultado a compilação de 57 *tweets* que se enquadravam nos parâmetros delineados pela pesquisa. Em seguida, avaliou-se o nível de engajamento gerado por cada postagem (mensurado em quantidade de curtidas, comentários, salvamentos e *retweets*) e a conveniência do texto vis-à-vis aos constrangimentos impostos pelo presente artigo. O resultado do levantamento foi a constituição de um *corpus* final formado por duas postagens hospedadas no Twitter-X, que materializam de forma significativa o objeto de interesse deste esforço investigativo. Uma cópia *fac-similar* desses *tweets* foi coletada, passando por apenas um expediente de edição: a supressão de informações relativas à identidade do seu autor.

Ferramental de Análise: uma lente de exame da inscrição da ideologia-axiologia no discurso

O ferramental analítico empregado no exame dos dados inventariados para esta investigação é composto por três pilares: as categorias do significado representacional integradas à ACD (Fairclough, 2003); os construtos que flagram as manobras retórico-discursivas de pregação da *Alt-Right* nas redes sociais (Prado, 2021; Nagle, 2017); e o Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), braço sobressalente da Linguística Sistêmico-Funcional.

Ainda que Fairclough (2003) assinale o enlace entre as três formas de emergência dos discursos na prática social (meios de agir, representar e identificar),

diante do objetivo precípua desta pesquisa, opta-se pelo emprego das categorias pertinentes ao significado representacional propostas pela ACD em comunhão com os construtos analíticos elaborados por estudiosos da Direita Alternativa (Nagle, 2017; Prado, 2021; Tuters, 2020). A relação de inclusão, exclusão e destaque entre participantes desponta como uma das categorizações mais profícuas para o mapeamento da configuração assumida pelos Discursos em um dado recorte discursivo. Privilegiando determinados agentes, contextos ou ações em detrimento de outros, reconstroem-se as experiências vividas à luz dos interesses patentes no momento da interação.

Como suplemento ao acervo de categorias analíticas viabilizado pela ACD, o presente trabalho mobiliza alguns dos construtos que evidenciam as manobras retórico-discursivas empregadas nos diferentes circuitos da *Alt-Right*. O Raciocínio de caráter mítico voltado para a ampliação do horizonte da Janela de Overton, o uso de termos polissêmicos e deliberadamente sinuosos como apitos de cachorro para os militantes da Direita Alternativa e a dinâmica de retroalimentação de teses na dinâmica do buraco de coelho com o intuito de gerar um sentimento de pertencimento grupal (Nagle, 2017; Prado, 2021; Tuters, 2020) são alguns dos aportes analíticos aproveitados neste esforço analítico.

O terceiro braço do ferramental analítico da presente pesquisa é o Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005). Vian Jr. (2011) define o Sistema de Avaliatividade (doravante SA) como um sistema de significados que desempenha a função de cartografar na materialidade da linguagem os elementos que produzem valor. Despontando como um braço da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), o SA oferta aos falantes de um dado idioma um rico instrumental de descrição e análise da presença de traços de valor nos enunciados construídos numa determinada língua. Emergindo da metafunção interpessoal e derivado do estrato da Semântica do Discurso, o SA se segmenta em três outros subsistemas: Engajamento, Gradação e Atitude, sendo este último objeto de interesse do estudo em tela.

Um tripé de categorias constitui o subsistema de Atitude: Afeto, Julgamento e Apreciação (Martin; White, 2005). O Afeto contempla os movimentos valorativos que materializam discursivamente sentimentos, emoções e humores subjetivos como

forma de projeção de valor. A categoria do Julgamento remonta a expedientes valorativos assentados no diapasão da ética e da moralidade. Por fim, a Apreciação diz respeito a marcadores avaliativos cunhados sob a égide de critérios estéticos (de beleza ou ordem). Mais produtivo do que inventariar os diferentes tipos de avaliação que emergem nos dados analisados, é iluminar à luz desse farol teórico-analítico os sentidos gestados por meio das escolhas lexicais que fundamentam essas construções avaliativas, investigando no contexto desta pesquisa a contribuição de cada construto de valor para a pregação política da *Alt-Right* e sua difusão do viralatismo.

ANÁLISE DOS DADOS

A ideologia mobiliza sentidos que operam a serviço de interesses de poder. Esse brocardo teórico cunhado por Thompson (1995) nos serve de bússola para nos debruçarmos sobre o esforço de apropriação e inscrição do viralatismo nos Discursos produzidos pela *Alt-Right* em nosso país. A seguir, dispomos de um exemplo ilustrativo do emprego dessa matriz ideológica em favor da pregação global desse movimento radical.

Fragmento 1 - postagem coletada da rede social Twitter-X em 12/05/2025

Bostil, Cuzil, Esgotil, FilhaDaPutil!!!

➔ Homem mordido por cão no home office pediu indenização para empresa

O funcionário da Vale alegou que a empresa teria que dar instruções sobre cuidados no home office. O cão estava no colo do homem

Leia: curt.link/CFgIT



Tudo o que o Bostileiro toca, ele tem o poder de estragar.
O home office que ajuda muitas pessoas, certamente está com seus dias contados no Bostil graças aos "HIHIHI LEVEL VANTAGI".

Fonte – dados da pesquisa.

No fragmento interacional 1, temos um fio de conversa que engloba uma postagem realizada por um perfil jornalístico, que foi repostada (*retweet*) por outro perfil com a adição de um comentário – composto exclusivamente de ofensas em alusão ao termo *Bostil*. Repercutindo ambos, há um terceiro aporte, mais extenso, que se propõe a realizar uma pequena análise da notícia aventada, depreendendo uma etiologia do fato relatado e dos seus desdobramentos mais imediatos.

O primeiro adendo à postagem do perfil jornalístico carrega em si uma carga avaliativa poderosa, atribuindo ao Brasil não apenas qualitativos desabonadores, mas uma equiparação a itens lexicais convencionalmente empregados como sinônimos de coisas sem valor ou dignas de ódio. Essa valoração depreciativa se faz patente até na construção morfológica dos termos, em que a sílaba “-sil” faz referência explícita ao Brasil e os seus prefixos criados a partir de neologismos que remetem a expressões violentamente negativas: *Bostil*, *cuzil*, *esgotil*, *filhadaputil*. Ao fim, a adição de uma sequência de pontos de exclamação acentua o peso axiológico do breve texto, aumentando a Gradação do Julgamento de Estima Social (Martin; White, 2005) perpetrado pelo usuário.

Apesar de sua curta duração, o *tweet* em tela ilustra pedagogicamente o fenômeno do *shitstorm* (Prado, 2021). Mais do que uma mensagem que se propõe a apresentar uma opinião acerca de um dado evento, o trecho do fragmento perfaz uma catarse pública, que se manifesta em um surto de violência discursiva dirigida não ao indivíduo aludido na notícia comentada, mas ao país como um todo, responsabilizado pelo acontecimento indesejado. A cascata de ofensas desempenha a dupla função de gerar comoção nos leitores, usando a afetação como tática persuasiva, e expandir a

tolerância ao escárnio e ao vocabulário vulgar nos consumidores desse tipo de conteúdo.

O *tweet* que segue apresenta um estilo menos catártico e mais explicativo, introduzindo um ator social ao repertório de imagens discursivas reivindicadas pela Direita Alternativa nacional: o *bastileiro*. No caso em tela, os malfeitos denunciados têm como causa eficiente as ações de uma figura genérica que incorpora todos os vícios flagrados na cultura e na mentalidade brasileira. A escolha discursiva por encarnar os defeitos do país em um ente genérico contribui para conferir maior proximidade e agência ao portador desses atributos desabonados, entendido como um sujeito que perambula pelo mundo espalhando as sementes malignas dessa nação degenerada. Como nos explica Fairclough (2003), as formas de representação dos participantes em um dado segmento discursivo não são inofensivas, mas respondem a aspirações interacionais que se articulam a interesses plasmados na prática discursiva, que mascaram ou revelam projetos de poder (ainda que por procuração).

Outro traço característico do discurso da *Alt-Right* encontrado no trecho do fragmento em revista é o concurso de imagens míticas como recurso retórico-mobilizador. A própria metáfora do toque maldito (*"tudo o que o bastileiro toca, ele tem o poder de estragar"*) já remete a uma narrativa mítica de grande circulação em nossa sociedade, que tem como personagem principal o Rei Midas, amaldiçoado com seu toque de ouro. A intertextualidade (Fairclough, 2003) tecida no fragmento não apenas ancora a construção discursiva empreendida em um lastro simbólico mais amplo, como também institui um fundamento eminentemente mítico para as pontuações construídas pelo autor. Em vez de cortejar a racionalidade do seu leitor, o *tweet* recorre à imagem de um mito para legitimar-se.

Além do componente mítico, o trecho em lente também se sustenta sobre uma rede de estereótipos que tem no brasileiro o alvo de seu ódio. O eixo central desse discurso, que opera sob a lógica de um autoevidente que sempre se repete (Bhabha, 1998), é a estigmatização do *bastileiro* como um velhaco espertalhão, que age sempre pelo imperativo da malandragem (Schommer, 2009). O bordão redigido em letras maiúsculas que encerra o fragmento (*HIHIHI LEVEI VANTAGI*) marca com traços claros o estereótipo recrutado, que reduz o nosso povo a uma horda de pessoas de

desapego moral, pouco instruídas (simbolizado pelo erro ortográfico) e inescrupulosas ao ponto de comemorarem caricatamente com risos um golpe recém-aplicado.

Os Discursos (Fairclough, 2003) erigidos no *tweet* têm como esteio uma manobra avaliativa ambivalente, que se institui a partir da produção de uma dicotomia axiológica, que contrapõe, em polos distintos de valor, o trabalho em *home office* e a malandragem brasileira. Nessa concepção movida pela ideologia do viralatismo (Rodrigues, 2013), o primeiro elemento seria uma inovação advinda do exterior introduzida em nossos hábitos pelo capitalismo liberal com sua demanda por maiores níveis de produtividade. Em contrapartida, como freio a essa força evolutiva, temos o espírito de trapaça do nosso povo, que, por ser incapaz de se adequar às formas civilizadas de convivência, acaba por estragá-las. Temos, portanto, um maniqueísmo avaliativo esquemático. De um lado, um Julgamento de Estima Social (Martin; White, 2005) em favor das qualidades inerentes ao *home office* e, do outro lado, um Julgamento de Sanção Social (Martin; White, 2005) contra o *hostileiro* por sua inaptidão civilizacional perante formas mais eficientes de organização social, tendo como desfecho o mergulho do país no atraso por conta dessa patologia moral.

Merece destaque também a névoa afetiva que se materializa discursivamente a partir das escolhas lexicais realizadas em ambos os *tweets* em lente. A sequência de ofensas e xingamentos direcionados ao Brasil, mais do que insultar o país e seu povo, também fabrica uma aura de ódio que detém um significativo peso valorativo pela clave do Afeto (Martin; White, 2005). Da mesma forma, os marcadores de discurso hiperbólico como o uso de termos incisivos (*tudo o que o hostileiro toca*), palavras de baixo calão (*Bostil* e *hostileiro*) e o uso de letras maiúsculas como emulação de intensificação prosódica no registro escrito (*HIHIHI LEVEI VANTAGI*) também explicitam um pendor passional do autor em relação ao seu comentário, operando outro expediente avaliativo sob a égide do Afeto (Martin; White, 2005) que recai sobre os mencionados vícios do brasileiro, capazes de fazer o comentarista virtual perder a sua temperança.


A alusão empreendida no fragmento à imagem do malandro como uma espécie de arquétipo oficioso do brasileiro dialoga com lugares-comuns ideológicos de grande difusão nos circuitos da direita alternativa. O bordão *HIHIHI LEVEI VANTAGI* é

presença cativa em memes que circulam pelos espaços virtuais dominados por essa ideologia radical, cujo intuito é o de sintetizar a filosofia de vida do *bostileiro*: trapacear com o objetivo de auferir ganhos materiais de pequena monta. Portanto, ao incluí-lo em seu *tweet*, o autor constrói um nexo de intertextualidade (Fairclough, 2003) com toda essa rede discursiva que emprega o mesmo mote como um meio de representar seus patrícios. Fortalece-se, assim, o fenômeno do buraco de coelho (Prado, 2021; Tuters, 2020) por meio da disseminação de ideias que reproduzem as teses centrais de uma dada bolha virtual.

Além do arquétipo do brasileiro malandro, existem múltiplos outros mitos sem fundamento que povoam os foros de interação da *Alt-Right* brasileira. Abaixo, no fragmento 2, deparamo-nos com mais um destes tropos a serviço do fanatismo político.

Fragmento 2 – postagem coletada da rede social Twitter-X em 12/05/2025

Fui ler os comentários disso e não dá... o Bostil realmente é um país habitado por primatas com QI 83. Não tem jeito.

 **VEJA:** No Rio, passageira fica indignada após solicitar corrida, entrar no carro e se deparar com o motorista escutando ‘Rap do Borel’ em alto volume.

Fonte – dados da pesquisa.

O fragmento 2 apresenta um fio que compreende uma notícia e uma postagem a ela vinculada, que destila seu fel avaliativo contra os usuários que interagiram na publicação original. A referência aos comentários no fragmento em tela convida os leitores a visitarem o outro texto e verificarem empiricamente a validade do escrutínio produzido.

O primeiro elemento digno de nota no fragmento é a forma como o autor se constrói discursivamente. Este, alheio à degradação intelectual do restante do país,

coloca-se em posição de alteridade em relação ao Brasil, como um ente externo que observa à distância o nível de degeneração dos seus patrícios. Ao exarar um sentimento de arrependimento pela decisão impulsiva de visitar as opiniões dos habitantes do *Bostil*, o trecho em tela estabelece uma dicotomia entre o objeto de exame (repleto de vícios) e o observador alienígena (preservado de tais defeitos), sendo o distanciamento entre ambos os polos um sinal da superioridade do narrador.

Os *comentários* que causam a revolta exarada no trecho são atribuídos a uma massa discursiva amorfa, sem qualquer traço de personalidade, sendo esse apagamento da autoria uma manobra de desumanização dos seus difusores. Afinal, espera-se que um ser humano goze de traços distintivos em relação a outrem enquanto os animais e as coisas da natureza, via de regra, tendem a ser caracterizados de maneira genérica – a partir de atributos ou comportamentos compartilhados com os demais membros daquela espécie, classe, tipo etc. A denominação dos brasileiros como *primatas* apenas explicita de forma violenta a omissão dos marcadores de humanidade negados aos comentaristas mencionados no excerto.

Além de os comentários mencionados não apresentarem autores, sua ocorrência é interpretada como resultado de um fenômeno mais amplo; determinado não pela vontade de um grupo de indivíduos, mas por forças de fundo oriundas da degeneração do *Bostil*. Temos aqui a lógica do estruturalismo fatalista, que cria um mundo binário e simplista em que a subjetividade humana dá lugar a condicionamentos que operam sobre autômatos sem volição (Prado, 2021). A única figura que goza de subjetividade e agência é o próprio autor da postagem, alçado em Discurso (Fairclough, 2023) a uma posição de superioridade em relação aos brasileiros. Esse conjunto de manobras retóricas e escolhas lexicais emula a imagem, tão cara aos militantes da *Alt-Right*, do Homem em pé entre as ruínas (Evola, 1953), metáfora que derrama em discurso o espírito supremacista e a megalomania pitoresca que mobilizam ideologicamente esses circuitos de extremismo político (Nagle, 2017).

O ponto de culminância valorativa do *tweet* repousa sobre uma expressão usada para qualificar não apenas os comentaristas atacados pelo escrutínio do autor, mas também todos os demais brasileiros: *primatas com QI 83*. Do ponto de vista representacional (Fairclough, 2003), a analogia ofensiva entre o brasileiro e um

primata, concebido no modelo de inteligibilidade darwinista como um animal inferior ao ser humano na escala evolutiva, retrata o nosso povo como uma subespécie dotada de aparência próxima ao *Homo Sapiens*, mas de natureza mais rebaixada. Essa comparação desabonadora, cunhada sob a chave do Julgamento de Estima Social (Martin; White, 2005), também reforça o binarismo determinista entre o autor da postagem, que se exclui do epíteto que qualifica seus patrícios, e os demais habitantes do *Bostil*, biologicamente inferiores ao resto da humanidade.

No fragmento em revista, há um movimento patente de alargamento da Janela de Overton (Prado, 2021) rumo a uma naturalização de Discursos (Fairclough, 2003) que apresentam o Brasil e seus habitantes como a encarnação da degeneração, sendo a involução biológica que lhes é atribuída um marcador axiológico (Martin; White, 2005) dessa manobra. Como aponta Dias (2018), o concurso de ideias oriundas do universo da biologia é uma das táticas mais recorrentes de difusão de teorias que propalam o ranqueamento humano, tomando supostas diferenças biológicas entre povos, raças, etnias ou franjas sociais como evidências de tais hipóteses.

Por fim, vale destacar que o emprego de representações valorativas oriundas do universo semântico do darwinismo opera na postagem em lente como uma interface entre o conjunto de preceitos da *Alt-Right* (Nagle, 2017) e os balizamentos fundamentais do viralatismo (Rodrigues, 2013). A inferiorização essencial do brasileiro plasmada em discurso (Schommer, 2009) serve de base para as ideias de ranqueamento humano propaladas pela direita radical. Assim, estabelece-se uma relação dialética de retroalimentação entre essas duas matrizes discursivas, sendo o viralatismo incrementado pela pregação biologista e o proselitismo político da *Alt-Right* impulsionado pelo viralatismo. Essa aliança axiológica entre ambas as matrizes ideológicas consolida no buraco de coelho da extrema-direita nacional uma visão desabonadora do brasileiro, retratado como uma criatura sub-humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço analítico registrado nas páginas anteriores produziu uma série de entendimentos e *insights* que são dignos de menção. Primeiramente, explicitou-se o

alinhamento ideológico da Direita Alternativa brasileira aos preceitos da *Alt-Right* global. Além das pautas políticas compartilhadas, patenteou-se também a aplicação em contexto nacional de manobras retóricas consagradas pela extrema-direita internacional, sendo essa uniformidade um sintoma do processo de fanatização política operada nessas bolhas virtuais (Nagle, 2017). Por outro lado, ainda que a *Alt-Right* brasileira importe sua agenda e seu *modus operandi* da sua matriz global, um tempero ideológico nacional é adicionado ao enlatado de teses e narrativas da Direita Alternativa global. O cortejo ao viralatismo representa uma ilustração pedagógica dessa apropriação criativa de bandeiras ideológicas de além-mar.

Por fim, as análises empreendidas evidenciam a força radicalizadora emanada pelo discurso da *Alt-Right* brasileira no Twitter-X. Tendo como combustível preconceitos arraigados no imaginário nacional e rancores pessoais, a interpretação de país consignada nos fragmentos discursivos examinados fratura a sociedade brasileira em dois contingentes irreconciliavelmente antagônicos: os *primatas com QI 83*, retrato de todos os problemas e defeitos patentes na vida nacional, e os simpatizantes da direita radical, identificados tacitamente como a antítese moral e intelectual do restante do povo *hostileiro*. Quando comparamos a violência advogada por lideranças da *Alt-Right* (inclusive no Brasil) com as propostas esposadas pela militância desse movimento na *internet*, torna-se candente a existência de uma correia de transmissão entre a ação política e a pregação ideológica, sendo o viralatismo, no contexto brasileiro, uma mola de propulsão dessa concepção ideológica que transforma o ódio ao Brasil em motor político.

REFERÊNCIAS

DE BENOIST, A. **Les idées à l'endroit**. Paris: Éd. Libres/Hallier, 1979.

DIAS, A. A. M. **Observando o ódio**: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

EVOLA, J. **Gli uomini e le rovine**. Roma: Edizioni dell'Ascia, 1953.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London and New York: Routledge, 2003.

GAY, P. **O cultivo do ódio**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1993.

GUÉNON, R. **A crise do mundo moderno**. Lisboa: Vega, 2013.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2 ed. London: Arnold, 1994.

MARTIN, J.; WHITE, P. **The language of evaluation**. Great Britain: Pelgrave/Macmillan, 2005.

NAGLE, A. **Kill All Normies**. Ropley, UK: Zero Books, 2017.

PRADO, M. **Tempestade ideológica**: bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil. São Paulo: Lux, 2021.

RODRIGUES, N. **A Pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira/ Participações S.A., 2013.

ROSENBERG, A. **The Myth of The Twentieth Century**. Ostara Publications, 2016.

SCHOMMER, A. **A história do Brasil vira-lata**: as razões históricas da tradição autodepreciativa brasileira. Anajé: Casarão do Verbo, 2012.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

TIBURI, M. A. **Complexo de vira-lata**: análise da humilhação brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

TUTERS, M. Esoteric Fascism Online: 4chan and the Kali Yuga. In: TUTERS, M **FAR-RIGHT**. Revisionism and the End of History. [S. l.]: Routledge, 2020. p. 286–303.

VIAN JR., O. Engajamento: monoglossia e heteroglossia. In: VIAN JR., ; SOUZA, A.; ALMEIDA, F. (org.). **Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.